

POR UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICO-DISCURSIVA PARA A ESCRITA NAS DISCIPLINAS

IN FAVOR OF AN ETHNOGRAPHIC-DISCURSIVE APPROACH TO ACADEMIC-SCIENTIFIC WRITING

Pedro Augusto Pereira Brito¹

BRITO, P. A. P. Por uma abordagem etnográfico-discursiva para a escrita nas disciplinas. **Akrópolis**, Umuarama, v. 29, n. 1, p. 115-126, jan./jun. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.25110/akropolis.v29i1.8476>

RESUMO: Neste trabalho, objetivamos apresentar alguns estudos sobre a escrita acadêmico-científica, focalizando o tratamento dado as pesquisas do Letramento Acadêmico, bem como os trabalhos tematizados na especificidade da área denominada Escrita nas Disciplinas a fim de levantar inquietações teóricas que abram vias para um deslocamento teórico-metodológico. Para isso, são apresentados elementos teóricos que, em diálogo, são reflexões que envolvem: o ensino de escrita, o contexto acadêmico de seu acontecimento e os estudos da escrita disciplinar. Para tratar do letramento acadêmico, trazemos a discussão de Lea e Street (2006). Sobre a visão teórico-metodológica para o ensino de escrita que pretendemos aproximar da escrita nas disciplinas, apresentamos, de maneira específica, em Corrêa (2013) as bases teóricas para o seu ensino. Por fim, procedemos à apresentação de pesquisas que se desenvolvem a respeito da escrita em campos cujo escopo não é centralmente a linguagem, sobretudo as da área da Escrita nas Disciplinas, e de pesquisas nacionais que nela se apoiam, a fim de propor provocações para um cruzamento teórico que instigue o desenvolvimento de pesquisas sobre Letramentos Acadêmicos em uma perspectiva etnográfico-discursiva. Espera-se, assim, que as provocações propostas pela organização deste artigo possibilitem (re)pensar, centralmente por meio de uma perspectiva etnográfico-discursiva, as práticas de ensino e aprendizagem de escrita no contexto do ensino superior em diversas áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Acadêmico; Escrita nas Disciplinas; Perspectiva etnográfico-discursiva.

ABSTRACT: This paper aims at presenting studies on academic-scientific writing, focusing on the treatment given to Academic Literacy research as well as the works addressing the specificity of the area referred to as Writing in the Disciplines in order to raise theoretical concerns that may open paths towards a theoretical-methodological shift. For this purpose, theoretical elements are presented, which, in dialogue, are reflections involving the teaching of writing, the academic context of its occurrence, and the studies of writing in the disciplines. Addressing the academic literacy, the study presents the discussion of Lea & Street (2006). Regarding the theoretical-methodological vision for the teaching of writing that the authors intend to make closer to the writing in the disciplines, the theoretical basis for such teaching is specifically

¹ Mestre e Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UEM (PLE-UEM)
E-mail: pedrobritolettras@hotmail.com

presented in Corrêa (2013). Finally, it presents the research developed about writing in fields whose scope is not centered on language, especially those in the area of Writing in the Disciplines, in addition to national research relying on it in order to propose provocations for a theoretical exchange that foster the development of research on Academic Literacy in an ethnographic-discursive perspective. Thus, it is expected that the provocations proposed by the organization of this article will allow the (re)thinking of the practices of teaching and learning writing in a higher education context in several areas of knowledge from an ethnographic-discursive perspective.

KEYWORDS: Academic Literacy; Writing in the Disciplines; Ethnographic-discursive perspective.

INTRODUÇÃO

O ingresso de um estudante no ensino superior é cercado de novidades que o conduzem ao conhecimento de um novo ambiente, formado por novos locais, relações e atividades. A esfera acadêmica constitui-se, dessa forma, como um novo campo cercado de usos da linguagem que atendem e refletem às necessidades dessa esfera. A inserção do estudante nesse novo universo de letramento o expõe à necessidade de conhecimento e adaptação aos novos usos da linguagem demandada pelo contexto: desde os textos orais e escritos mobilizados a partir de gêneros discursivos mais corriqueiros como, por exemplo, o diálogo com parceiros, docentes e coordenadores pedagógicos, a produção de anotações cotidianas, até as produções consideradas mais complexas de trabalhos científicos e de conclusão de curso, suas apresentações orais, e que, na maioria das vezes, são novidade aos estudantes iniciantes de qualquer curso de graduação.

Nesses novos eventos de letramento e, principalmente, sobre as produções mais elaboradas exigidas na esfera universitária, repousam diversas concepções, como as de sujeito, linguagem e escrita que, preexistentes a esses eventos, emergem em seu acontecimento. Por essa razão, podem ocorrer diversos conflitos decorrentes das concepções em convívio na esfera acadêmica, como as expectativas docentes sobre a produção escrita acadêmico-científica e o conflito sobre a identidade universitária vivenciado pelo sujeito como escrevente nesse contexto de novidades em usos da linguagem. É comum, desse modo, encontrarmos juízos de valor compartilhados por docentes ou até mesmo entre estudantes

universitários acerca das dificuldades relacionadas à escrita nessa esfera, algumas vezes somados à “constatação” de que haveria certa incapacidade dos estudantes diagnosticada, dentre outras coisas, pelo seu desempenho nas produções escritas dos gêneros discursivos solicitados.

Nesse sentido, o tema da escrita acadêmico-científica tem se tornado alvo recorrente de pesquisas em todo o mundo. Tais estudos partem, por exemplo, da necessidade de encontrar vias para se melhorar os processos que envolvem as múltiplas utilizações da escrita pelos sujeitos em suas práticas sociais acadêmicas, bem como da consideração de que a escrita é uma das principais formas de produção e disseminação científica, em todos os campos de pesquisa, utilizada para produzir artigos, resenhas, dentre outros textos de gêneros que se voltam à comunicação de resultados de pesquisas. Assim, em diferentes contextos, e a partir de distintas perspectivas e abordagens, pesquisadores tentam encontrar caminhos para sanar os principais problemas enfrentados no processo de ensino e aprendizagem da escrita acadêmico-científica.

No Brasil, os estudos nesse terreno ganharam força em uma perspectiva etnográfica, a partir das pesquisas lideradas pelo grupo inglês chamado *New Literacy Studies* (NLS) que chegaram ao país e abriram caminhos para se pensar sobre a situação da escrita acadêmico-científica nacional. Uma grande quantidade de pesquisas sobre a questão da escrita no contexto acadêmico-universitário foi e está sendo desenvolvida no Brasil, no entanto, marcamos a centralidade dessas pesquisas na investigação do cenário específico de formação em cursos onde a linguagem é um objeto de estudos, como o curso de Letras. Como prova disso, uma breve pesquisa sobre o ensino da escrita no contexto universitário brasileiro nos levou aos trabalhos desenvolvidos pela Fiad (2011), Araújo e Bezerra (2013), Bezerra (2010), Oliveira (2017), Assis (2008, 2014, 2019), todos eles desenvolvidos nos cursos de graduação de Letras como seus *loci*. Atribuímos a isso, embora hipoteticamente, uma questão de acesso a esses locais, uma vez que os pesquisadores da área de Letras teriam, em tese, acesso mais fácil aos cursos de Letras e às produções acadêmico-científicas do contexto.

No bojo dessas discussões, o presente artigo objetiva apresentar estudos sobre a escrita acadêmico-científica, focalizando o tratamento dado às pesquisas do Letramento Acadêmico, bem

como os trabalhos tematizados na especificidade da área denominada Escrita nas Disciplinas a fim de levantar inquietações teóricas que abram vias para um deslocamento teórico-metodológico. Espera-se, assim, que as provocações propostas pela organização deste artigo possibilitem (re) pensar, centralmente por meio de uma perspectiva etnográfico-discursiva, as práticas de ensino e aprendizagem de escrita no contexto do ensino superior em diversas áreas do conhecimento.

A fim de desenvolver a proposta do objetivo apresentado, organizamos este artigo pela apresentação de elementos teóricos que, em diálogo, são reflexões que envolvem: o ensino de escrita, o contexto acadêmico de seu acontecimento e os estudos da escrita disciplinar. Para tratar do letramento acadêmico, trazemos a discussão de Lea e Street (2006) que propõem uma análise das abordagens para o letramento em contexto de ensino superior. Para a visão teórico-metodológica para o ensino de escrita que pretendemos aproximar da escrita nas disciplinas, apresentamos, de maneira específica, em Corrêa (2013) as bases teóricas para o ensino da escrita que agregam um conjunto de pressupostos teóricos derivados: a) da concepção da escrita como processo e; b) de uma interpretação da escrita por uma perspectiva discursiva, entendida a partir da análise dialógica do discurso (de cunho bakhtiniano) e pela análise do discurso francesa, correntes relacionadas em função do fato de ambas considerarem a dimensão sócio-histórica na produção do sentido e do sujeito do discurso. Por fim, procedemos à apresentação de pesquisas que se desenvolvem a respeito da escrita em campos cujo escopo não é centralmente a linguagem, sobretudo as da área da Escrita nas Disciplinas, e de pesquisas nacionais que nela se apoiam, a fim de propor provocações para um cruzamento teórico que instigue o desenvolvimento de pesquisas sobre Letramentos Acadêmicos em uma perspectiva etnográfico-discursiva.

LETRAMENTO ACADÊMICO: OS ESTUDOS DA ESCRITA ACADÊMICA EM ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Os estudos desenvolvidos pela área dos Novos Estudos do Letramento (STREET, 1984, 2003; BARTON, 1994; GEE, 1996) tematizam o uso da escrita e os impactos sociais decorrentes dele, no entanto, de um ponto de vista situado, pois entendem que as práticas de letramento devem

ser encaradas levando em conta os significados particulares que só podem ser vistos sob a ótica de seu lugar de acontecimento: os grupos sociais, as instituições, as esferas, enfim, onde ocorrem. Esse olhar sobre a escrita alinha-se, ainda, com a noção de um modelo ideológico de letramento, por oposição a um modelo autônomo (STREET, 1984). Isso implica na caracterização da escrita como uma prática social, portanto, sócio e historicamente situada.

Por esse viés e a respeito da escrita em contexto acadêmico-universitário, Lea e Street (2006) descrevem três perspectivas pelas quais a escrita pode ser compreendida: modelo do estudo das habilidades, modelo da socialização acadêmica e modelo do letramento acadêmico. Essas três abordagens não se autoexcluem, mas se tornam interdependentes no fazer acadêmico.

A primeira abordagem focaliza o estudo de habilidades cognitivas individuais que os estudantes universitários devem “assimilar” para empregar em todos os textos. Disso decorre um olhar sobre a escrita que prioriza a correção, os “problemas” gramaticais e ortográficos, sendo o texto um produto no qual estão impressos os *déficits* de aprendizagem de língua dos alunos. Segundo Bezerra (2010, p. 6), o foco nessas habilidades culmina em “nenhum destaque para os aspectos sociais envolvidos no processo de escrita ou mesmo para as peculiaridades da escrita em cada campo disciplinar”. A trajetória de letramento do aluno é desconsiderada, sendo ele o responsável de suprir as “deficiências” de sua escrita por meio da busca do desenvolvimento, de responsabilidade sua, das habilidades de escrita.

O segundo modelo apresentado pelos autores é o da socialização acadêmica. Considerando a existência de uma “cultura acadêmica”, nesse modelo, o professor é o responsável por inserir os estudantes nessa cultura, “com o intuito de que eles assimilem os modos de falar, raciocinar, interpretar e usar as práticas de escrita valorizadas nas disciplinas e áreas temáticas da universidade” (OLIVEIRA, 2017, p. 125). Uma crítica a esse modelo se dá especificamente à ideia pressuposta de que os gêneros discursivos são homogêneos, de forma que, entrando em contato com o modo que alguns dele são constituídos, o aluno aprende a lidar com suas produções e usos na esfera acadêmica. Essa homogeneização também se estende à ideia de “cultura acadêmica”, pois a partir dessa abordagem, haveria um “processo de

aculturação dos estudantes no discurso acadêmico” (OLIVEIRA, 2017, p. 125) por meio do contato com essa cultura geral.

Por fim, o terceiro modelo, do Letramento Acadêmico, apresenta uma abordagem que, ligada à noção de escrita como prática social, está centrada na relação dos estudantes com a escrita e os significados que a ela atribuem. Essa abordagem considera as relações de poder que envolvem docentes, estudantes e a instituição, a história de letramento que os sujeitos envolvidos trazem, assim como o processo de conhecimento e inserção em uma nova cultura, a acadêmica, permeada de novos valores e discursos. Dessa maneira, o aluno é considerado em sua história de letramento, e não como quem nada sabe e precisa desenvolver o letramento a partir de sua entrada na universidade. Chamamos a atenção ao que Jones, Turner e Street (1999) tratam a respeito dos conflitos que podem emergir a partir do encontro da história de letramento dos alunos e aquilo que se apresenta de maneira específica em cada disciplina. Essa consideração implica na compreensão de que há variadas concepções e compreensões que convivem de maneira não homogênea no ensino superior e que são materializadas nas distintas propostas docentes para a escrita de trabalhos, por exemplo, e em relação aos elementos que constituiriam um ou outro gênero do discurso.

Estendendo a discussão sobre as abordagens no que diz respeito às práticas de letramento em contexto de ensino superior, Street (2009), tendo como base as contribuições teóricas advindas das áreas denominadas Escrita no âmbito das Disciplinas (*Writing in the Disciplines*, *WID*), Estudos dos Gêneros (*Genre Studies*) e Letramentos Acadêmicos (*Academic Literacies*) trata de dimensões que considera “ocultas” no letramento acadêmico. O autor assume, assim, que há questões, relacionadas ao modo de como o docente orienta o trabalho de escrita acadêmica, que não ficam visíveis aos estudantes. Passando pela discussão levantada a partir da análise de textos (artigos científicos) que compunham um livro, Street (2009) evidenciou alguns termos quem explicavam claramente os critérios de avaliação e revisão de artigos acadêmicos que, ocultos, emergiram pela análise.

Assim, o autor defende que essas “dimensões ocultas” dos gêneros discursivos, em contexto acadêmico, devem ser consideradas no estudo e caracterização dos gêneros discursivos

solicitados, descentralizando as questões de sua estrutura, por exemplo. De um ponto de vista etnográfico, Street propõe alguns conceitos a serem discutidos por professores e alunos, em sala de aula, a fim de se considerar o gênero discursivo em seus aspectos particulares, como os que coloca a partir do trabalho que realizou com alunos de pós-graduação, a saber: a) enquadramento, b) contribuição/para quê? c) voz do autor, d) ponto de vista, e) marcas linguísticas e f) estrutura.

A ABORDAGEM ETNOGRÁFICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DA ESCRITA

Corrêa (2011) propõe uma reordenação da perspectiva adotada por Street (2009), adotando, então, uma perspectiva discursiva para “mostrar que a observação das práticas discursivas em formulações textuais particulares permite reconhecer aspectos da trama das relações intergenéricas na composição do texto” (CORRÊA, 2011, p.333). Sem negar a perspectiva etnográfica, o autor objetivava demonstrar como a obtenção e análise de dados poderiam ter contribuições a partir de uma abordagem discursiva dos gêneros do discurso. Ao privilegiar o texto efetivamente produzido, Corrêa compreende que os dados etnográficos podem ser recompostos a partir do texto, não de maneira integral, mas de modo suficiente que nos permita “reconhecer, por exemplo, a trama, ainda que não exaustiva, das relações intergenéricas na composição do texto e a história de sua produção” (CORRÊA, 2011, p. 335).

O autor demonstra como Street (1984), já abordara alguns aspectos que, na escola, permaneceriam ocultos no letramento. Ao se desconsiderar deliberadamente as relações com a oralidade advindas das práticas sociais dos sujeitos, em certos casos, a escola não consegue trabalhar com as habilidades letradas que as práticas sociais exigem e, em outros casos, as habilidades letradas não são reconhecidas onde elas já existem. Ao retomar Lea & Street (1998), Corrêa (2011), aponta como há aspectos ocultos também nas abordagens do letramento em contexto acadêmico.

Da primeira abordagem, referente ao estudo das habilidades cognitivas, haveria o “ocultamento de que as próprias habilidades cognitivas relativas à escrita são produto da apreensão do funcionamento da escrita e do letramento em contexto” (CORRÊA, 2011, p. 339) a partir da presunção de que há uma espécie de transferência automática de um

contexto a outro.

O segundo modelo, que trata da aculturação do discurso acadêmico, traria como aspecto oculto a presunção de que “uma vez aculturado a um domínio de especialidade, o estudante adaptaria automaticamente sua escrita às mudanças de discursos e gêneros internas a esse domínio” (CORRÊA, 2011, p. 339), e também estaria preparado para, a partir dessa aculturação, replicar o conhecimento em outras áreas, em seus discursos e gêneros.

Relacionado à dinamicidade do que envolve o saber acadêmico, o terceiro modelo, de letramentos acadêmicos, quando destaca as relações que envolvem os sujeitos, as identidades, bem como as instituições, deixariam “ocultas” as “contradições que definem, em termos de linguagem, as pessoas, as instituições e as próprias identidades sociais” (CORRÊA, 2011, p. 340). Ao referir-se às identidades sociais, o autor as aborda de um ponto de vista discursivo, uma vez que estariam elas constituídas na “contradição fundante que é a relação de alteridade constitutiva”.

Sendo assim, a passagem de uma abordagem etnográfica a uma discursiva, implica na passagem de uma visão que aborda as distinções que caracterizam etnograficamente um grupo ou um indivíduo em oposição a outro, nas práticas de letramento, centrada numa questão identitária do sujeito empírico, para o olhar para um sujeito discursivo, no qual se privilegia a alteridade, pela qual é possível entender a constituição do sujeito numa relação sócio-histórica com o(s) outro(s) (CORRÊA, 2011, p. 339-340).

Dessa maneira, o autor ainda procura abordar aquilo que poderia ser de contribuição da perspectiva discursiva para a geração e análise de dados assim como feitos pela perspectiva etnográfica. Seriam, portanto, dois modos distintos de se compreender a interação, que oporiam sujeito empírico a sujeito do discurso. O primeiro está presente no encontro entre dois interlocutores, no momento da enunciação, *in presentia*, e o segundo está presente, além do momento de enunciação presencial, também nas enunciações “não-presenciais, mas ambos marcados pelo papel fundamental das réplicas ao já-enunciado, que [...] historiciza a ocupação do lugar do sujeito” (CORRÊA, 2011, p. 340-341).

Apoiado no texto do *Discurso na Vida e Discurso na Arte* de Voloshinov/Bakhtin (1926, apud CORRÊA, 2011), o autor trata das proposições

do texto que demonstram como os sentidos dos enunciados são somente descobertos, compreendidos, quando encarados a partir da presença de outro elemento que constitui a interação: o contexto extraverbal, que compreende três fatores, “1) o **horizonte espacial comum dos interlocutores** (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela etc.); 2) o **conhecimento e a compreensão** comum da situação por parte dos interlocutores; e 3) sua avaliação **comum** dessa situação” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926-s/d: 5, grifos no original, apud CORRÊA, 2011). Entendendo, assim, como a situação integra a produção dos sentidos numa enunciação, demonstra como há *presumidos sociais* que acompanham o uso da palavra. Chega, dessa maneira, à sua proposta:

Pretendo, com essas noções, estabelecer as bases para a associação entre os aspectos “ocultos” do letramento e o presumido social que acompanha toda produção de sentido. Estar atento, por exemplo, à voz, ao ponto de vista e ao propósito de um texto para evitar que se tornem aspectos “ocultos” do letramento acadêmico não garante que outros aspectos não se tornem ocultos e não componham, do mesmo modo, o sentido do texto. Em outras palavras, se o presumido social acompanha toda produção de sentido, é de esperar que haja, também, algo próximo do que se poderia chamar “*presumido dos gêneros do discurso*”. A temática em que o gênero se inclui, o quadro institucional em que é produzido e as perspectivas que, de fora do texto, o orientam são fatores que podem, em parte, estar presumidos no gênero, o que explicaria a omissão, nem sempre consciente, de determinadas características do gênero no ensino. Mesmo os seus elementos constitutivos podem ser afetados por esse tipo de presumido. (CORRÊA, 2011, p. 344)

Sendo assim, ao assumir uma postura discursiva para a leitura dos gêneros do discurso (em contrapartida a leituras mais “textuais”), o autor demonstra como, no ensino da escrita em contexto universitário, “é a desatenção à parte presumida do gênero que acaba levando aos chamados aspectos “ocultos” do letramento acadêmico” (CORRÊA, 2011, p. 356).

Chegamos, assim, ao texto de Corrêa

(2013), por meio do qual o autor lista parâmetros que permitem a elaboração de conceitos de trabalho para o ensino da escrita, como na proposta de Street (2009), mas relacionando as perspectivas etnográfica e discursiva, e fixando-se nesta última. Ao propor esses conceitos, espera, ao mesmo tempo, apresentar parâmetros teóricos para o ensino da escrita aplicáveis diversos contextos, e distanciar-se das práticas que promovem um olhar para os gêneros do discurso que privilegia a sua forma fixa e deixa de lado seu aspecto sócio-histórico.

Tecendo uma crítica à “fossilização” dos gêneros discursivos em práticas de seu ensino, discute sobre o equívoco possível de sua dessubstanciação quando do processo didático. A esse respeito, comenta como a redução do trabalho com gêneros do discurso à sua forma aparentemente fossilizada, distancia “a atenção desejável ao processo de escrita do aluno e à sua relação com a linguagem” (CORRÊA, 2013, p. 483). Sobre a questão da relação do aluno com a linguagem escrita, e também a respeito da postura discursiva que privilegia, o autor cita alguns teóricos que teriam colaborado para suas teorizações, como Abaurre (1989, 1990), Abaurre, Fiad, Mayrink-Sabinson e Geraldi (1997) e Geraldi (1996).

A partir então da defesa de uma posição contrária à fixidez gráfica dos gêneros e de um hibridismo de práticas sociais (orais e letradas) na constituição da escrita, Corrêa (2013) apresenta cinco pressupostos teóricos para o ensino da escrita, situando os três primeiros numa concepção da escrita como processo e os dois restantes numa interpretação do processo de escrita a partir de uma perspectiva discursiva e que, direta ou indiretamente, estão relacionados aos três primeiros pressupostos.

O primeiro pressuposto é sobre o “fundamento dialógico para o ensino da escrita: o processo de escrita se desencadeia a partir da manifestação do diálogo em cada gênero do discurso” (CORRÊA, 2013, p. 485). Tendo em vista a propriedade dialógica da linguagem, o diálogo se constitui como um dos fundamentos teóricos primordiais. Compreendê-lo no processo de constituição dos gêneros do discurso implica em a) entender a dinamicidade dos gêneros (de maneira crítica, isso justifica, para o autor, sua opção terminológica por *gêneros do discurso* em detrimento aos *gêneros textuais*) bem como seu caráter sócio-histórico, b) compreender a escrita como um processo no qual a

interlocução se marca, inclusive como réplica ao já-dito, seja ele oral ou escrito, o que também atesta a sua heterogeneidade intergenérica.

O segundo pressuposto é sobre o “fundamento indiciário do material linguístico na escrita: o processo de escrita se marca nas pistas deixadas no fio do discurso, mas sua explicação não se limita ao estritamente linguístico” (CORRÊA, 2013, p. 487). Associando-se às vozes de Tfouni (1992), Abaurre; Fiad; Mayrink-Sabinson; Geraldi (1995), Corrêa postula que, de maneira indiciária, por isso não completamente recuperável, o sujeito deixa pistas, em sua escrita, do seu processo de escrita marcada pelo diálogo, pela interlocução. Os indícios como “rasuras, alterações da ordem ou mudança de palavras na oração, uso do recuso de apagar etc” (CORRÊA, 2013, p. 489) evidenciam movimentos do escrevente em seu processo de escrita que sinalizam pistas do processo histórico no qual o sujeito está inserido. Em outras palavras, o que no texto se indicia, só pode ser explicado pelo movimento da história.

O terceiro pressuposto é sobre o “fundamento pragmático-enunciativo de toda produção escrita: o processo de escrita só se deixa observar quando a escrita se realiza como um modo de enunciação” (CORRÊA, 2013, p. 490). Assentando-se sobre uma compreensão que extrapola a visão da escrita como código e entendendo-a como um modo de enunciação, o autor defende como essa visão marca a heterogeneidade da escrita em relação à fala (cf. CORRÊA, 2004), uma vez que, vista dessa maneira, a escrita constitui-se como um dos modos de enunciação no qual sujeito e sentidos são produzidos. Isso significa entender sujeito e sentidos sócio e historicamente situados, sendo o sujeito, o do discurso e não o empírico, por nós acessado, em sua versão deixada nas pistas indiciárias marcadas por ele a partir do seu modo de enunciação, e os sentidos legitimados pela história e pelo processo “de tomada da palavra, ato que, situado entre lembrança e esquecimento, simula, a cada vez, reinaugurar o exercício da linguagem, renovando ou reafirmando sentidos”. (CORRÊA, 2013, p. 491). Ao inserir esse pressuposto, o autor salienta que “conceber a escrita como modo de enunciação pode dar, do ponto de vista linguístico-discursivo, uma dimensão para o seu ensino em que sujeito e sentido sejam pontos para reflexão”. (CORRÊA, 2013, p.491).

O quarto pressuposto é sobre o “fundamento discursivo do material linguístico e do sujeito na

elaboração de conceitos de trabalho”. Retomando a discussão anteriormente apresentada (CORRÊA, 2011), o autor faz referência aos aspectos ocultos no letramento (STREET, 2009), contrapondo-os ao presumido social (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926-s.d.) e levantando também a discussão a respeito da diferença entre entender, nesse processo, o sujeito como empírico ou discursivo. A questão central desse pressuposto é a compreensão do aspecto extraverbal presente na constituição dos gêneros do discurso que, por exemplo, é negligenciada quando, no ensino da escrita, negam-se as relações intergenéricas, muitas vezes macanizando o ensino da escrita, por restringi-lo ao seu aspecto verbal, excluindo as relações com o extraverbal. Há também a questão do sujeito que, embora empírico, não aparece de forma direta no discurso, uma vez que não fica expressamente representado em sua escrita, mas nela deixa indícios, marcas, pistas de seu contexto histórico, extraverbal.

O quinto pressuposto é sobre o “fundamento discursivo da identidade do sujeito, a relação de alteridade em seu sentido forte: alteridade, heterogeneidade constitutiva da escrita e representação” (CORRÊA, 2013, p.501). Diferenciando sentidos fraco e forte de alteridade, o autor trata, primeiramente, da oposição, que é o elemento fundante do sentido fraco de alteridade e que acaba por incidir sobre perspectivas que opõem tipicamente fala e escrita, reconhecendo uma diferenciação que coloca em oposição gêneros tipicamente falados e gêneros tipicamente escritos. Negando essa corrente que dicotomiza fala e escrita, bem como as decorrentes visões e metodologias de trabalho com a escrita levadas a partir desse viés, Corrêa marca como, na escola, a heterogeneidade presente **na** escrita é vista, muitas vezes, de maneira negativa, e não como marca da heterogeneidade **da** escrita. Em sua visão, os elementos entendidos como “interferências” na escrita são, na realidade, marcas de sua constituição heterogênea. Nesse sentido, o autor sempre tem defendido a ideia de que três eixos são mobilizados pelo escrevente em seu processo de escrita, que organizam essa heterogeneidade:

[...] as características do texto (escrito ou falado), ligadas às várias dimensões da linguagem, seriam consideradas como frutos da relação dialógica entre representações do escrevente sobre a fala e sobre a escrita, considerado, ainda, um terceiro eixo nesse diálogo, marcado pelas

representações sobre a relação do dizer atual com o já-dito (com o já-falado/escrito) (CORRÊA, 2013, p. 505)

Sendo assim, a visão do autor alcança as representações que o escrevente faz no ato de sua enunciação sobre a escrita, que evidenciam sua experiência social. A alteridade, em seu sentido forte é, assim, o “disparador da heterogeneidade” (CORRÊA, 2013, p. 508). De maneira resumitiva, o autor apresenta o que compreende ser as bases teóricas para o ensino da escrita, em relação direta com a alteridade:

A alteridade é o disparador da heterogeneidade, correspondendo à exterioridade constitutiva de todo processo de escrita. Ela está presente na enunciação escrita (3º fundamento teórico apresentado) e, portanto, nas atualizações singulares do diálogo nos gêneros (1º fundamento) e atua: (a) opacificando o aparentemente autoexplicativo e supostamente transparente exercício da escrita escolar, no qual o efeito da alteridade se marca, apenas indiciariamente, no fio do discurso (2º fundamento); e (b) opacificando a suposta produção puramente verbal e a própria condição de sujeito empírico, respectivamente, pela ação de presumidos sociais e pelas determinações histórico-discursivas que o sujeito empírico assume na qualidade de sujeito do discurso (4º fundamento). (CORRÊA, 2013, p. 508)

Os elementos teóricos que apresentamos trazem, assim, os parâmetros que norteiam a produção de uma proposta discursiva para o ensino da escrita. Ao aproximarmos tal proposta ao contexto acadêmico de letramento e envolvendo os docentes de diversas disciplinas, buscamos trazer à luz esses profissionais de outras áreas se dá pela compreensão de que eles também se constituem como outros presentes empiricamente, mas não somente dessa maneira, e suas vozes e concepções também ensinam aos acadêmicos sobre escrita, criam sobre ela significados e relações. São, dessa maneira, sujeitos que, no processo de ensino da escrita, podem colaborar se o compreenderem a partir da perspectiva discursiva de maneira a sedimentar os elementos teóricos em sua prática cotidiana. O que move a reflexão que pretendemos levantar apoia-se na visão de que “não há prática sem teoria, [...] a prática, com reflexão teórica, é

outra” (CORRÊA, 2013, p.481).

O ENSINO DA ESCRITA EM ÁREAS QUE NÃO TÊM A LINGUAGEM COMO OBJETO DE ESTUDOS

Ao empreendermos o trabalho de buscar pesquisas, nacionais e internacionais, a respeito do tratamento dado à escrita quando em contextos de investigação ligados a áreas em que a linguagem não é objeto central de estudos, encontramos sobretudo trabalhos que se desenvolvem; a) focalizando elementos da didática da escrita, problematizando aspectos característicos de sua materialidade; b) que culminam em propostas de cunho etnográfico, tais como as reflexões da área da Escrita nas Disciplinas e c) em pesquisas brasileiras do campo do Interacionismo sócio-discursivo.

Sem nos aprofundarmos sobre o campo da didática da escrita, apontamos a importância desses estudos originariamente franceses para a reflexão sobre aspectos da materialidade característicos da escrita acadêmica, como, por exemplo, a reflexão sobre o manejo de vozes nos discursos direto e indireto ou aspectos da marcação subjetiva do autor em seu texto. São exemplos dessas pesquisas as de Dabène (1996; 2002), Boch (2013), Boch & Rinck (2010; 2016), Boch & Grossmann (2002) e Boch, Rinck e Nardy (2014). Entretanto, mais que refletir sobre usos característicos da escrita, esses estudos problematizam, sobretudo, o saber-fazer e as práticas ancoradas nas tradições ensinadas sobre os modos de com ela lidar em âmbito acadêmico. Assim, as problematizações advindas desse campo são amplamente aplicadas em pesquisas e propostas de cunho etnográfico.

Em se tratando de pesquisas internacionais desenvolvidas sobre uma perspectiva etnográfica, os Estados Unidos da América têm, tradicionalmente, duas perspectivas que promovem programas para o ensino de escrita em diferentes áreas e que foram desenvolvidos dentro de um movimento chamado *Writing to Learn* (Escrever para Aprender): “o movimento Escrever para Aprender continuou a migrar de abordagens gerais para estudos específicos de disciplina sobre a relação entre a escrita e o aprendizado” (BAZERMAN et al., 2005, tradução nossa). O objetivo desse movimento é pensar sobre a melhoria do processo de escrita dentro das disciplinas guiado pela suposição de que este processo pode ajudar os estudantes a desenvolver seus conhecimentos na especificidade

de sua área. Em suma,

[...] representa um movimento no estudo e ensino de escrita acadêmica que surgiu, pelo menos em parte, como resposta ao reconhecimento de três características da escrita acadêmica: que pode ser um modo de aprendizagem; que varia por disciplina (assim como de outras formas); e essa facilidade de escrita depende do engajamento contínuo dos escritores com ela. No entanto, este movimento também surgiu como uma resposta às pressões e restrições institucionais acadêmicas sobre o ensino da escrita acadêmica, incluindo a relativamente recente “massificação” do ensino superior nos EUA e em outros lugares. (HORNER, 2014, p. 405, tradução nossa).

Na primeira abordagem decorrente desse movimento, denominada *Writing across the Curriculum* (WAC - Escrita através do Currículo), o foco é usar a escrita para aprender o conteúdo de uma área específica. Embora tenha se consolidado apenas nos anos 70, Horner (2014) comenta que a preocupação com programas de escrita para o estudo curricular é anterior, exemplificando com a conferência ocorrida nos EUA em 1949, *Conference on College Composition and Communication*, em que professores de diversas áreas discutiram a oferta de um curso voltado ao estudo da escrita para todo estudante ingressante no ensino superior, amparados teoricamente em estudos desenvolvidos a esse respeito no Reino Unido. Esses estudos apontavam, em geral, os benefícios da escrita para a aprendizagem na especificidade das disciplinas (RUSSEL, 1991 apud HORNER, 2014).

A segunda abordagem é denominada *Writing in the Disciplines* (WID – Escrita nas Disciplinas) e é, muitas vezes, associada à primeira por conta de sua proximidade na origem, WAC/WID, mas tem sido desenvolvida por outros caminhos. Seu objetivo é o de aprender a escrever considerando as especificidades de uma disciplina, de uma área de conhecimento, sendo assim, o foco recai sobre a aprendizagem da escrita e não sobre os conceitos de determinada área. O campo do WID

[...] encontrou sua base teórica a partir da pesquisa sobre as práticas de escrita profissional dentro de disciplinas específicas, pelo campo da “retórica”,

relacionado à natureza retórica do trabalho acadêmico [...] (BAZERMAN, 1991; RUSSELL, 1991), assim como as pesquisas identificadas com o movimento dos “Letramentos Acadêmicos” no Reino Unido, e as pesquisas sobre “Inglês para fins acadêmicos”, *La didactique de l’écrit*, e “Letramentos Universitários” (ver CASTELLÓ; DONAHUE, 2012; COFFIN; DONAHUE, 2012; DONAHUE, 2009; RUSSELL et al., 2009). (HORNER, 2014, p. 407, tradução nossa)

Nesse sentido, a base teórica que propulsionou os programas e pesquisas em WID é, centralmente, de cunho etnográfico, e a partir das reflexões francesas da área da didática da escrita. São inúmeras as reflexões e ganhos em termos de pesquisas nesse campo ancoradas nessas perspectivas. No entanto, defendemos que, a partir das reflexões que apresentamos de Corrêa (2013), deslocamentos teórico-metodológicos podem ser propostos.

Por fim, no cenário nacional, embora já tenhamos insistido que são poucas as pesquisas sobre escrita na especificidade das disciplinas, apresentamos o projeto intitulado Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA), criado em 2012 pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esse projeto desenvolve trabalhos em Linguística Aplicada, sendo vinculado ao Grupo de Estudos em Letramentos, Interação e Trabalhos (GELIT/UFPB/CNPq), voltados ao letramento acadêmico-científico e, em alguns trabalhos, envolve-se a área da Escrita nas Disciplinas.

Dentre esses trabalhos, cujo foco é o processo de escrita em diversos campos, destacamos: o texto de Pereira (2019), que discute a questão da escrita disciplinar, de maneira ampla; os trabalhos relacionados a áreas específicas, como os de Pereira (2014) e Barros e Pereira (2015), voltados à área do Direito; de Silva (2017) e Silva e Silva (2018), sobre a escrita na área de engenharia; e os de Souza e Pereira (2018, 2019) que discutem o letramento acadêmico-científico em cursos da área de Ciências da Saúde.

É preciso marcar que, nessas pesquisas, o foco é a escrita e/ou os gêneros discursivos bem como o estudante das diversas áreas, levadas em perspectiva etnográfica e sob o escopo das orientações metodológicas da área do Interacionismo Sócio-discursivo (BRONCKART, [1997] 2009). Assim, nesses trabalhos, discussões

de cunho etnográfico-discursivo não foram realizadas, assim como é pequeno o número de pesquisas que focalize o docente atuante nessas áreas, seu discurso e práticas adotadas para o ensino de escrita em seus contextos.

As pesquisas desenvolvidas pelo ATA põem luz a um cenário no qual, no Brasil, a escrita é incipientemente problematizada, mas onde repousam concepções de escrita e metodologias para seu ensino que, inclusive, balizam os currículos institucionais: cursos de graduação, que não os de Letras ou os que, por sua natureza, não tomam a língua(gem) como objeto específico de estudos. É preciso considerar que, uma vez que a linguagem se materializa em gêneros amplamente solicitados em todos os contextos, são levantados valores e constatações a seu respeito que organizam, inclusive, as matrizes e proposições curriculares das formações acadêmicas nacionais. Sendo assim, as propostas político-pedagógicas, as composições curriculares e exigências aos estudantes são tomadas com base nesses valores, crenças e intuições que os responsáveis pelas políticas no ensino superior e docentes de diversas áreas trazem a respeito da linguagem e de seu ensino.

Além disso, a necessidade de reflexão sobre o ensino da escrita nesse cenário torna-se ainda maior quando se reconhece a grande quantidade desses cursos que ofertam uma disciplina dedicada ao estudo da linguagem em sua estrutura curricular, na qual um profissional de Letras atuará (cf. CAMARGO, BRITTO, 2011), o que aponta para uma preocupação com a formação (do estudante) para os usos da linguagem nesses contextos.

Tendo em vista o desenho teórico que apresentamos, propomos que discussões sobre a prática de ensino de escrita que já ocorrem no ensino superior em campos diversos sejam analisados em uma perspectiva etnográfico-discursiva, a fim de que os pressupostos que apresentamos culminem em práticas alinhadas às compreensões teóricas deles oriundas.

CONCLUSÕES E PROBLEMATIZAÇÕES NA DIREÇÃO DE UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DE ESCRITA NAS DISCIPLINAS

Como temos defendido, a escolha teórico-metodológica da perspectiva etnográfico-discursiva

se dá, sobretudo, pelas compreensões teóricas sobre a escrita e sobre sua relação com o sujeito. Sem negar a necessidade das práticas voltadas para o estudo de elementos textuais, advogamos contra a compreensão da escrita reduzida a uma técnica ou a reprodução estrutural de modelos rígidos, e a favor da escrita como processo discursivo, no qual, pela materialidade enunciativa, é possível visualizar as forças discursivas. Tal compreensão alinha-se à noção de sujeito descentrado, formado dialogicamente e que, ao relacionar-se com a (sua) escrita, deixa pistas da heterogeneidade que o constitui.

A partir do cenário de pesquisas sobre a escrita acadêmica apresentado, concluímos que diversas são as pesquisas, e de grande importância, que foram e são desenvolvidas no país e fora dele em torno dos processos de ensino e aprendizagem de escrita acadêmica. No entanto, a grande maioria dessas pesquisas ainda estão teoricamente amparadas apenas em uma visão etnográfica, da qual temos buscado deslocamentos em direção a uma visão etnográfico-discursiva.

A título de problematização, queremos propor, inicialmente, questionamentos sobre o cenário estadunidense de WAC e WID, relacionando-o à abordagem que temos defendido. Em primeiro lugar, os professores que lecionam em projetos relacionados aos projetos em WAC são, em geral, docentes em disciplinas que recebem formação para a escrita, em cursos estadunidenses similares ao curso brasileiro de Letras. Já nos projetos desenvolvidos em WID, os professores estadunidenses que ensinam as questões de escrita podem ser de qualquer área do conhecimento. Eles são frequentemente formados em cursos voltados para a reflexão sobre a língua(gem), mas podem ser do campo específico em que a escrita também ocorre, portanto, de formação diferente ao que, no Brasil, chamamos curso de Letras.

Nesse sentido, podemos nos questionar: Qual concepção de escrita adota o docente de WAC e de WID? Há diferenças substanciais em ter formação para atuar com escrita nos Estados Unidos? A base teórica pode afetar as práticas no ensino de escrita em diferentes áreas? São questões iniciais, mas que podem conduzir a caminhos e propostas distintos para o ensino da escrita disciplinar.

Em termos das pesquisas levadas no país, tendo em vista a predominância de propostas etnográficas, podemos questionar, principalmente:

seriam substanciais as mudanças na prática de ensino de escrita nas disciplinas a partir de uma base teórico-metodológica enunciativo-discursiva? Por acreditar na resposta positiva a esse questionamento que propomos este trabalho, instigando possíveis pesquisadores a encontrar caminhos para os deslocamentos que propomos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. **Oral and written texts: beyond the descriptive illusion of similarities and differences.** Campinas: Unicamp, 1989.

ABAURRE, M. B. M. Linguística e psicopedagogia. *In: SCOZ, B. J. L. et al. (org.). Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 186-216.

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L.; GERALDI, J. W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. **Trabalhos de linguística aplicada**, v. 25, p. 5-23, jan./jun.1995.

ARAUJO, C. M.; BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos: leitura e escrita de gêneros acadêmicos no primeiro ano do curso de letras. **Diálogos – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade**, n. 9, maio/jun. 2013.

ASSIS, J. A. A construção do sujeito professor na correção de textos pelo professor em formação: pistas de processo de construção identitária. **Vertentes**, UFSJ, v. 31, p. 9-15, 2008.

ASSIS, J. A. Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didática da escrita na universidade. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, p. 801-815, 2014.

ASSIS, J. A. Discursos de orientadores brasileiros e franceses no e sobre o feedback aos textos de seus mestrandos e doutorandos: um olhar sobre critérios e expedientes em torno da apropriação da palavra de outrem na escrita acadêmica. **Linguagem & Ensino**, (UCPel), v. 22, p. 533, 2019.

- BARROS, W. C.; PEREIRA, R. C. M. Direito e linguística: diálogos interdisciplinares na análise de tcc da área jurídica. **Leia Escola**, v. 15, p. 45-57, 2015. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/513>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. Cambridge/USA: Blackwell, 1994.
- BEZERRA, B. G. Leitura e produção de gêneros acadêmicos em cursos de especialização. *In*: **Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Gelne**, 23, 2010. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=jJYJd-IAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BOCH, F. Former les doctorants à l'écriture de la thèse en exploitant les études descriptives de l'écrit scientifique. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 543-568, 2013.
- BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Scripta**, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.
- BOCH, F.; RINCK, F. (ed.). **Énonciation et rhétorique dans l'écrit scientifique**, Lidil, Grenoble, Université Stendhal, n. 41, 2010.
- BOCH, F.; RINCK, F. **Anaphores démonstratives dans les écrits d'étudiants de Master**. Comparaison avec les pratiques expertes. *Linx*, 72. Disponible sur: <http://linx.revues.org/163>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- BOCH, F.; RINCK, F.; NARDY, A. Les outils de Scientext au service de l'expertise de la proposition de communication, *In*: Tutin, A. & Grossman, F. (Eds.), **L'écrit scientifique**: du lexique au discours. Autour de Scientext, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 183-198. 2014.
- BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 2009.
- CAMARGO, M. J. P.; BRITTO, L. P. L. Vertentes do ensino de português em cursos superiores. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 345-353, jul. 2011.
- CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, 2. parte, p. 333-356, 2011.
- CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 481-513, 2013.
- DABÈNE, M. Aspects socio-didactiques de l'acculturation au scriptural: hypotheses et options méthodologiques. *In*: DABÈNE, M. **Vers une didactique de l'écriture. Pour une approche pluridisciplinaire**. Paris; Bruxelles: INRP & de Boeck, 1996.
- DABÈNE, M. Illetismo, práticas e representações da escrita, **Scripta**, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 6, n. 11, p. 13-22, 2002.
- FIAD, R. S. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369. 2. parte, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1116/1039>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourse. London: Falmer, 1996.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.
- HORNER, B. Writing in the disciplines/Writing across the curriculum. *In*: LEUNG, C.; STREET, B. V. (ed.). **The Routledge Companion to English Studies**. London; New York: Routledge, 2014. cap. 27, p. 405-418.
- JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (ed.). **Student writing in the university**: cultural and epistemological issues. John Benjamins, 1999.

LEA, M. R.; STREET, B. V. The “Academic Literacies” model: theory and applications. **Theory into Practice**, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

OLIVEIRA, E. F. Letramentos acadêmicos: abordagens sobre a escrita no ensino superior e a prática do gênero resenha crítica. **Revista Trama**, p. 119-142. 2017.

PEREIRA, R. C. M. Letramento jurídico: uma análise sociossubjetiva do gênero sentença. **Cadernos do IL (UFRGS)**, v. 2, p. 159-175, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/368907>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PEREIRA, R. C. M. **Cultura disciplinar e epistemes**: representações na escrita acadêmica. João Pessoa: ideia, 2019. v. 1. 282 p.

RUSSELL, D. **Writing in the academic disciplines, 1870-1990**: a curricular history, carbondale: Southern Illinois University Press, 1991.

SILVA, R. D. ‘Uma resenha seria o menos relevante para o ramo da engenharia? : uma análise da importância dos gêneros textuais nas vozes dos engenheiros químicos em formação’. In: PEREIRA, R. C. M.; LEITÃO, P. D. V. (org.). **Ateliê de Letras**: projetos no tear. João Pessoa-PB: Ideia, 2017, p. 238-244.

SILVA, R. D.; SILVA, R. C. M. P. Os artigos científicos na área das engenharias e seus parâmetros sociossubjetivos de constituição. In: MEDEIROS, I. A. de; BRAGA, C. de F.; BARBOSA, R. O. (org.). **Trabalhos premiados nos encontros de iniciação científica da UFPB**. esped. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. **Teleconferência Brasil sobre o letramento**, outubro de 2003.

STREET, B. V. “Hidden” features of academic paper writing. **Working Papers in Educational Linguistics**, v. 24, n. 1, p. 01-17, 2009.

TFOUNI, L. V. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. **D.E.L.T.A.** v. 8, n. 2, p. 205-223, 1992.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

UN ENFOQUE ETNOGRÁFICO DISCURSIVO PARA LA ESCRITURA EN LAS ASIGNATURAS

RESUMEN: En este trabajo pretendemos presentar algunos estudios sobre la escritura académico científica, enfocándonos en el tratamiento dado a investigaciones dadas en Alfabetización Académica, así como los estudios tematizados sobre la especificidad del área denominada. Escritura en las Asignaturas con el fin de plantear inquietudes teóricas que abren caminos para un cambio teórico metodológico. Para ello, se presentan elementos teóricos que, en diálogo, son reflexiones que involucran: la enseñanza de la escritura, el contexto académico de su evento y los estudios de escritura disciplinar. Para abordar la alfabetización académica, traemos la discusión de Lea y Street (2006). En cuanto a la visión teórico metodológica para la enseñanza de la escritura que pretendemos acercar a la escritura en las asignaturas, presentamos, de manera específica, en Correa (2013) las bases teóricas para su enseñanza. Finalmente, se procede la presentación de investigaciones que se desarrollan sobre la escritura en campos cuyo alcance no es centralmente el lenguaje, especialmente en el área de la Escritura en las Asignaturas, y de investigaciones nacionales que se apoyan en ella, con el fin de proponer provocaciones por una intersección teórica que impulse el desarrollo de investigaciones sobre Alfabetizaciones Académicas en una perspectiva etnográfico discursiva. Así, se espera que las provocaciones que propone la organización de este artículo permitan (re) pensar, de manera centralizada a través de una perspectiva etnográfico discursiva, las prácticas de enseñanza y aprendizaje de la escritura en el contexto de la enseñanza superior en diversas áreas del conocimiento.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización Académica; Escritura en las Asignaturas; Perspectiva etnográfico discursiva.